

A DIMENSÃO AFETIVA NO ESPAÇO-TEMPO MEDIADO POR TECNOLOGIA EM EAD

THE AFFECTIVE DIMENSION IN THE SPACETIME MEDIATED BY TECHNOLOGY IN DISTANCE EDUCATION

Elaine Cristina Carvalho Duarte (CNEC – naneduarte@hotmail.com)

Resumo:

O presente texto é parte integrante de uma pesquisa em andamento que tem como proposta de estudo analisar o papel da afetividade na educação a distância e a importância em refletir sobre as relações afetivas entre os agentes desse processo. Através de pesquisas bibliográficas buscar-se-á, primeiramente, fazer uma reflexão sobre a educação a distância e a atuação das tecnologias como mediadora do conhecimento em um espaço-tempo, que na maior parte do tempo é assíncrono. Em um segundo momento será discutida a afetividade na educação online e sua importância para a aprendizagem nessa modalidade. Metodologicamente o projeto está sendo desenvolvido observando duas etapas: a primeira é uma pesquisa bibliográfica para ampliar os textos de fundamentação teórica; a segunda a aplicação e análise de um questionário a alunos de uma disciplina online de uma instituição de ensino que possui 20 polos espalhados pelo país.

Palavras-chave: Educação online. Afetividade. Ensino- aprendizagem.

Abstract:

The present text is an integral part of an ongoing research whose purpose is to analyze the role of affectivity in distance education and the importance of reflecting on the affective relationships between the agents of this process. Through bibliographical research, we will first seek to reflect on e-learning and the performance of technologies as a mediator of knowledge in a space-time, which for the most part is asynchronous. In a second moment the affectivity in e-learning and its importance for the learning in this modality will be discussed. Methodologically the project is being developed in two stages: the first will be a bibliographical research for the texts of theoretical foundation; the an application and analysis for a survey in the education of institute of teaching that has 20 polos scattered throughout the country.

Keywords: E-learning. Affectivity. Teaching and learning.

1. Introdução

De um modo geral pode-se dividir a história da educação ocidental em três momentos: a educação na antiguidade, que compreendia o modelo grego de Padeia, que depreendia uma educação bastante ampla, com ensinamentos de ética, ginástica, matemática, gramática, retórica, dentre outros; a educação da Idade Média, que se baseava na propagação dos dogmas pregados pela igreja católica, portanto era centrado em uma educação rígida, sem espaço para o pensamento crítico; a educação moderna, que iniciou com base nos ideais educacionais Prussianos e nos ideias da Revolução industrial, entre os séculos XVIII e XIX, e trouxe consigo o modelo professor como transmissor do conhecimento preparando o aluno para o mercado de trabalho.

Embora já tenha se passado mais de duzentos anos, o que se vê é que a educação do século XX e início do século XXI continua pautada nesse modelo educacional dos séculos anteriores, ainda não conseguimos romper com esse paradigma. Embora tenha havido algumas pequenas manifestações contrárias a ele, como o método *Montessori*, ou a Pedagogia *Waldorf*, o fato é que a grande maioria do nosso ensino contemporâneo ainda se baseia no modelo do professor como detentor do saber e os alunos como receptores de conhecimento. Segundo Patrícia Behar (2017, p.20):

... paradigma é a representação do padrão de modelos a serem seguidos. É um pressuposto filosófico matricial. (...) Quando se fala de mudança de paradigma, está direcionando para uma nova forma de ver, sentir, viver dentro de um novo referencial. (...) Ocorrem rupturas drásticas com o passado, muitas vezes abrindo um novo capítulo na compreensão da realidade.

Nesse sentido, quando falamos em EAD, falamos de um rompimento com métodos e técnicas educacionais que nos serviram de paradigma por mais de duzentos anos. Por essa razão torna-se tão difícil essa transição do ensino presencial para o ensino a distância, porque precisamos colocar nossos valores a prova e repensá-los para assumir uma nova postura diante dos padrões educacionais.

Entretanto, faz-se mais que necessária essa reflexão. É inquestionável, por exemplo, o caráter democrático da educação *online*. A possibilidade de se oferecer cursos diversos nos lugares onde o acesso à educação ainda é muito pequeno, ou quase inexistente, faz com que essa modalidade ganhe cada dia mais popularidade e notoriedade, incentivando as grandes universidades a apostarem nessa forma de ensino.

Mas, se por um lado a expansão do *E-learning* apresenta uma nova forma de pensar a educação na contemporaneidade, acompanhando as modificações sociais, por outro ela traz consigo o enorme desafio de romper com o paradigma vigente, que já dura mais de dois séculos. São muitos os modelos a serem superados e repensados para um bom ensino EAD. É necessária uma pedagogia direcionada para um ensino mediado por tecnologias, que se difere muito da pedagogia do ensino presencial, e ainda há muito a ser feito nesse sentido. Assim, devemos pensar em modelos educacional para um ensino a distância que seja efetivo e que atenda às necessidades dos educadores e dos educandos.

Sob essa perspectiva surge a necessidade de se possibilitar a criação de laços afetivos em um ensino que é mediado por tecnologias. Ao passo que não há mais a presença física dos professores e colegas, tornando o espaço-tempo relativo, como então se pode pensar uma possibilidade real de criação de afetos que são fundamentais para o aprendizado?

É fundamental que comecemos a traçar possibilidades de criação de laços afetivos em EAD, pois diante do atual quadro educacional que se desponta na educação a distância, é preciso se pensar em como aproximar os agentes do processo, que se relacionam de forma não linear e presente num espaço virtual.

2. Afeto em megabytes

Uma das maiores vantagens do ensino a distância, sem dúvida, é a possibilidade de oferecer educação para lugares variados, inclusive àqueles lugares distantes em que não há

uma faculdade. Alunos de cidades pequenas, que não vislumbravam uma formação superior, atualmente estão podendo fazer uma graduação graças ao EAD, que possibilita uma democratização do ensino por não requerer a presença do aluno diariamente na escola.

Outra grande vantagem do EAD é a possibilidade de oferecer cursos a pessoas que não têm disponibilidade de tempo diário de frequentar uma sala de aula. A flexibilidade do tempo tem sido um dos motivos pelos quais muitos alunos, tanto de graduação, como de pós-graduação, têm procurado os cursos *online*.

Apesar dessas vantagens pode-se afirmar que o número de evasão em um curso a distância é muito maior que o de um curso presencial. Segundo dados do censo da ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância) de 2016:

As taxas de evasão informadas pelos respondentes recaem principalmente na faixa entre 11% e 25%. Entre as instituições que oferecem cursos regulamentados totalmente a distância e as que oferecem cursos livres não corporativos, 32% e 26%, respectivamente, informam estar na faixa de 11% - 25%. Os cursos semipresenciais, presenciais e corporativos têm uma proporção menor de instituições com esse nível de evasão e estão mais representados na faixa de 6% a 10% do que os cursos totalmente a distância.

É perceptível a diferença entre a evasão dos cursos presenciais e dos cursos semipresenciais com relação aos cursos EAD. Nesse sentido pode-se afirmar que um dos maiores desafios das instituições que oferecem ensino a distância é o de manter o aluno no curso. O censo da ABED¹ também afirma que os motivos da evasão são, na maioria das vezes, financeiros e falta de tempo. Entretanto, esses dados são questionáveis, uma vez que os cursos presenciais também são pagos, e requerem do aluno tempo, inclusive um tempo específico, fixo, rígido, para as aulas presenciais, o que torna essa justificativa discutível.

Obviamente alguns alunos abandonam mesmo o curso por falta de dinheiro, ou de tempo, mas por que o abandono dos cursos EAD são maiores se eles, inclusive, são mais baratos que os presenciais? Silva e Figueiredo (2012, p.3) afirmam que:

a evasão de alunos na EAD, na maioria dos casos, está relacionada aos seguintes fatores: falta de motivação diante da responsabilidade quanto a auto-aprendizagem, a rarefeita relação com os professores e colegas, que resulta na falta de afetividade e percepção de pertencer a um grupo e, por fim o pouco dinamismo dos encontros presenciais. O estímulo ao contato entre todos os envolvidos (tutores, alunos e professores) é essencial para ampliar a confiança e ânimo para utilizar ambientes virtuais e concluir o curso EAD.

O texto acima explica com mais precisão e coerência os possíveis motivos que levam um aluno a abandonar as aulas *online*. O pouco contato com os professores, tutores e com os colegas, e a necessidade de se estabelecer sozinho uma rotina de estudos, faz com que boa parte dos envolvidos nos cursos não siga em frente, por se sentirem desestimulados. O ser humano é um ser sociável, que vive em tribo desde os primórdios da sua existência, por

¹ Idem, p. 155.

esse motivo agrupá-los é um fator fundamental para qualquer atividade que envolva relações humanas.

Moran (1994, p.39) afirma que nosso sistema educacional, de um modo geral, está condicionado ao racionalismo não sendo capaz de abarcar todas as instâncias que compõem o ser humano. Essa racionalização é fruto da filosofia idealista e do pensamento judaico-cristão que predominam na sociedade ocidental. Dessa forma o homem é visto como um ser dividido entre “corpo e mente, material e espiritual, razão e afeto, supervalorizando o intelectual-espiritual e desprezando o sensorial afetivo.”

Mendes Netto e Perpétuo (2010) afirmam que para Jean Piaget o afeto é parte fundamental da inteligência, não há aprendizado sem afeto. Henri Wallon também destaca a importância da afetividade no aprendizado, uma vez que ela, assim como a inteligência, evolui, se constrói e se modifica ao longo do desenvolvimento. Vygotsk, embora não fale diretamente da afetividade, deixa clara a sua importância quando evidencia em sua abordagem sócio-interacionista, que o ser humano é um ser biológico social, portanto seu desenvolvimento está intimamente ligado ao afeto.

Assim, quando pensamos em uma educação mais globalizante e efetiva, não há como dissociar a cognição da afetividade, porque não há aprendizado sem trocas afetivas.

Quando falamos em EAD essa questão se torna ainda mais patente, uma vez que a “não presença” das aulas *online* já pressupõem uma forma de não afetividade. Por essa razão é preciso pensar ainda com mais cuidado na questão do afeto quando falamos em educação a distância, pois ela pode ser o diferencial na estrutura educacional do curso.

Moran (*Op.cit.*, p.43) pondera que o afeto é o ponto de interatividade entre as pessoas, é ele quem acolhe.

O afetivo se manifesta no clima de acolhimento, de empatia, inclinação, desejo, gosto, paixão, de ternura, da compreensão para consigo mesmo, para com os outros e para com o objeto de conhecimento. O afetivo dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados. Facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, envolve plenamente, multiplica as potencialidades.

Quando Moran afirma que “o afetivo dinamiza as interações” é possível pensar na dificuldade de alguns alunos em cursarem uma disciplina *online*. Uma das maiores reclamações dos alunos EAD é falta de interação necessária com os professores, tutores e colegas. Há uma percepção quase unânime de que a Educação *Online* necessita dar mais ênfase aos aspectos afetivos dos cursos. Há relatos de alunos que reclamam da forma seca, e muitas vezes até grosseira e mecânica, com que são tratados, por exemplo, pela equipe de TI. Outros queixam-se que os professores e tutores não têm a paciência necessária para explicar os pormenores das questões levantadas pelos alunos.

De fato, quando se pensa nas ferramentas que temos a disposição nos AVAs, por exemplo, a grande maioria delas, são ferramentas que requerem muito texto escrito, explicações dadas pelo texto. Nesse sentido é importante atentar os envolvidos nesse processo das dissimilaridades entre a língua oral e a língua escrita, por exemplo, pois uma vez que o texto escrito não se vale do mesmo ritmo, da modulação, dos gestos que a língua oral apresenta é preciso atentar para o que se escreve buscando gerar afetividade no texto. Muitas vezes o que é percebido pelo aluno como um texto seco, é apenas escrito com

objetividade, entretanto, em se tratando de um processo educacional EAD é fundamental pensarmos nessa questão linguística que envolve o aprendizado. E não é só a linguagem que deve ser cuidada, mas também todo o conhecimento pedagógico da equipe que integra o processo EAD, desde o pessoal de TI ao pessoal administrativo.

Sapucaia (2017, p.3) afirma que com o crescimento da EAD houve um “engajamento de diversos profissionais das áreas tecnológicas e de comunicação no desenvolvimento de sistemas, conteúdos e mídias para EAD, em muitos casos, sem terem o conhecimento pedagógico necessário para atuarem nesta área”. Nesse sentido é muito comum vermos que há uma preocupação em capacitar a equipe pedagógica para fazer uso dos recursos tecnológicos, mas pouco se vê capacitações pedagógicas para a equipe de TI, por exemplo. Isso acaba por gerar uma equipe de tecnologia despreparada para lidar com as vicissitudes que o processo pedagógico em EAD apresenta, levando os alunos a reclamarem com frequência dos atendimentos oferecidos pelo pessoal responsável pela área técnica.

3. Considerações finais

Finalizando, é imprescindível incluímos no processo educacional de um curso EAD, a questão da afetividade. Não há aprendizado sem afetividade. O conhecimento é uma troca de informações entre o indivíduo e outro indivíduo e indivíduo e meio social. Quando pensamos em um Ambiente Virtual de Aprendizagem, temos que pensar na sua representatividade enquanto meio, pois é ele quem faz as mediações das informações e das relações. Sendo assim, é fundamental pensarmos nas ferramentas que temos a nossa disposição para desenvolver uma relação afetiva entre os agentes do processo EAD visando uma maior eficácia do aprendizado e da aquisição de conhecimento.

Referências bibliográficas

ARANTES, Valéria Amorin (org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

BEHAR, Patrícia. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Disponível em: <http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_0154.pdf>. Acesso em: 09 de nov. de 2017.

CAMPOS, Ilka Maria Soares; MELO, Marcia Meireles de; RODRIGUES, Joventina Firmino. **Educação a distância: o desafio da afetividade na percepção de tutores e alunos**. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/hotsite/20-ciaed/pt/anais/pdf/268.pdf>>. Acesso em: 27 de nov. de 2017.

Censo EAD BR 2016 – Relatório analítico da Educação a distância no Brasil. Disponível em: <http://abed.org.br/censoead2016/Censo_EAD_2016_portugues.pdf>. Acesso em: 14 de nov. de 2017, p. 153

CRUZ, Marcelino; SOUZA, Aniele Moraes. Afetividade e EAD: caminhos possíveis. In: ESUD – XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. **Anais**. Florianópolis: UNIREDE, 2014,

p. 382 – 396. Disponível em: < <http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/128138.pdf>>. Acesso em: 27 de nov. de 2017.

FIGUEIREDO, Vítor Fonseca; SILVA, Camila Gonçalves. Ambiente virtual de aprendizagem: comunicação, interação e afetividade em EAD. **IN: Aprendizagem em EAD**. Brasília, v.1, n.1. p. 1 – 16, 2012. Disponível em: < <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/raead/article/view/3254>> Acesso em: 27 de nov. de 2017.

LITTO, Frederic Michael; FORMIGA, Marcos (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. 2.ed. 2v. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MENDES NETTO, Cristiane; PERPÉTUO, Denise Gracioli A. Martins. Estratégias para construção de relações afetivas em ambientes virtuais de aprendizagem. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 16., 2010, Foz do Iguaçu. **Anais**. Foz do Iguaçu: ABED, 2010. 10p. Disponível em: <www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010085045.pdf> Acesso em: 27 de nov. de 2017.

MORAN, José Manuel. Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento. **IN: Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo: Vol. 17, n. 2, incluir pág. 01-10, Julho/Dezembro, 1994. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/interf.htm#audiovisuais>> Acesso em: 27 de nov. de 2017.

OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: **teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

SAPUCAIA, Flavio dos Santos. **Introdução à gestão tecnológica. O papel da gestão tecnológica e formação das equipes pedagógicas**. Disponível em: < https://senacsp.blackboard.com/bbcswebdav/pid-2833506-dt-content-rid-71789978_1/courses/EGEADCASDA-1701-669480/Template/Aulas/Aula_06/PDF/INT_GES_TEC_06_PDF.pdf> . Acesso em : 10 de nov. de 2017.

SERRA, Daniela Tereza Santos. **Afetividade, aprendizagem e educação online**. (Dissertação de mestrado). Belo Horizonte: PUCMinas, 2005. Disponível em: < http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_SerraDT_1.pdf>. Acesso em: 01 de dez. de 2017.